

O olhar do outro em “Torto arado”, de Itamar Vieira Junior (2019)

The perspective of others in “Torto arado” by Itamar Vieira Junior (2019)

DANIEL BARROS LIBERATO

Graduando em Letras (UEMS)

E-mail: danielbarrosliberato@gmail.com

ANDRE REZENDE BENATTI

Professor adjunto (UEMS)

E-mail: andre_benatti29@hotmail.com

Resumo: O presente estudo visa discorrer acerca das diversas perspectivas que podem existir dentro de um mesmo romance literário, tendo como objeto de análise a obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior (2019). Este trabalho possui um caráter bibliográfico e comparativo, sendo nele utilizadas teorias relacionadas ao narrador, principalmente para demonstrar e analisar a maneira pela qual os distintos pontos de vista podem ser colocados em uma história. Tal proposição buscou entender o modo pelo qual a personagem Belonísia, uma das protagonistas do romance, é percebida pelos outros personagens e como ela os percebe e percebe a si própria. Vê-se que muitas violências por ela sofridas são naturalizadas pela sociedade, enquanto outras são, por exemplo, derivadas de mal-entendidos, porque as visões das pessoas acerca de uma situação variam de acordo com a posição que estão delas — o que não significa naturalizar a violência. De todo modo, ter a compreensão da existência de posicionamentos diversos frente a um mesmo ocorrido pode nos ajudar a entender algo de maneira mais profunda, evitando que simplificações gerem enganos ou, pior, a banalização de processos e atitudes violentas.

Palavras-chave: Torto arado; narrador; olhar; outro; violência.

Abstract: This study aims to discuss the various perspectives that can exist within the same literary novel, focusing on the analysis of the work *Torto arado* by Itamar Vieira Junior (2019). This research has a bibliographic and comparative nature, employing theories related to the narrator, primarily to demonstrate and analyze how different points of view can be presented in a story. The proposition sought to understand how the character Belonísia, one of the protagonists of the novel, is perceived by other characters and how she perceives them and herself. It is observed that many of the violence she experiences are normalized by society, while others are, for example, derived from misunderstandings, because people's views on a situation vary depending on their position — which does not imply normalizing violence. However, understanding the existence of diverse perspectives regarding the same event can help us to grasp something more deeply, preventing simplifications from leading to misunderstandings or, worse, the trivialization of violent processes and attitudes.

Keywords: *Torto arado*; narrator; perspective; other; violence.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Noam Chomsky (2019), linguista, filósofo e ativista político, em seu livro *Que tipo de criaturas somos nós?*, afirma que “é claro que os humanos são seres sociais, e o tipo de criatura que nos tornamos depende crucialmente das circunstâncias sociais, culturais e institucionais de nossas vidas” (Chomsky, 2019, p. 94). Os meios pelos quais as pessoas passam ao longo de suas vidas influenciam no que elas se tornam. Tais pessoas, por sua vez, também influenciam esse meio, tendo em vista que o coletivo é feito de indivíduos.

Os seres humanos interagem uns com os outros de diversas formas, mas cada um deles se expressa e percebe a realidade por uma ótica diferente. E é entre os variados modos de expressão que se tem, por exemplo, os romances literários. Estes, de acordo com Walter Benjamin, em seu ensaio *O narrador*, caracterizam-se por trazer aos leitores noções acerca do “sentido da vida” e, por isso, lhes são atraentes. Essa atração é gerada porque “[...] o ‘sentido’ da sua vida somente se revela a partir de sua morte” (Benjamin, 1987, p. 214). Assim, sendo a morte o fim da vida real, não poderíamos encontrar o sentido, senão em obras de ficção.

No entanto, em virtude da atração inicial por esse motivo ser comum a todos os romances, ela não é suficiente para fazer com que quem está lendo compreenda do que se trata o livro. Visto que a literatura é composta de palavras, a maneira como alguém ou alguma situação é descrita impacta diretamente na percepção que o leitor terá da imagem gerada. Uma boa explicação desse processo é dada Anatol Rosenfeld:

Homero, em vez de descrever o traje de Agamenon, narra como o rei se veste, e em vez de descrever o seu cetro, narra-lhe a história desde o momento em que Vulcano o fez. Assim, o leitor participa dos eventos em vez de se perder numa descrição fria que nunca lhe dará a imagem da coisa. (Rosenfeld, 2002, p. 20).

Ademais, a heterogeneidade de percepções acerca do conteúdo do livro não se limita à relação do autor com seus leitores. Ela também pode ser vista no momento em que as personagens, que só existem no universo da obra, reagem de formas diferentes às semelhantes situações que vivenciam ali, interpretando-as. É, então, com o fito de interpretar melhor cada olhar, que se mostra importantíssimo o entendimento acerca dos tipos de narradores — personagem ou observador — e do foco narrativo — primeira e terceira pessoa —, essenciais para a aproximação entre aquele que lê e aquele que vive na história.

1. *Terceira pessoa*: é o narrador que está fora dos fatos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em terceira pessoa é conhecido também pelo nome de narrador observador e suas características principais são:

- a) onisciência: o narrador sabe tudo sobre a história;
- b) onipresença: o narrador está presente em todos os lugares da história.

[...]

2. *Primeira pessoa ou narrador personagem*: é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto tem seu campo de visão limitada, isto é, não é onipresente, nem onisciente (Gancho, 1991, p. 21)

Assim, a fim de demonstrar e analisar a maneira pela qual os diferentes pontos de vista podem ser colocados em uma história, este trabalho propõe um estudo do romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior (2019). Tal proposição visa entender a maneira como a personagem Belonísia, uma das protagonistas do romance, é percebida pelos outros personagens e como ela os percebe e percebe a si própria.

Belonísia é irmã de Bibiana, e *Torto arado* aborda a vida dessas duas na fazenda chamada Água Negra, local onde elas e outros trabalhadores descendentes de escravizados são explorados. A vida delas fica ainda mais interligada quando um acidente na infância faz com que uma das duas perca a língua e, por conta disso, precise da ajuda da outra para se expressar.

Tendo em vista que a obra literária em questão é dividida em três partes, cada uma com uma narradora diferente, pode-se perceber com clareza as distintas perspectivas. Ainda, uma vez que o livro pode ser caracterizado como um romance de formação, é possível acompanhar a trajetória da personagem analisada desde sua infância, o que permite ter uma certa noção de como os olhares, dela e sobre ela, passam a ser formados.

Por fim, embora exista uma verdade, é praticamente impossível que se chegue até ela — o que não significa naturalizar a violência. Mas tentar entender essa impossibilidade, resultante do fato de que um mesmo objeto pode ser percebido por diferentes sujeitos de diferentes formas, tal como a percepção das narradoras de um livro, pode nos ajudar a ser mais tolerantes uns com os outros.

É evidente que o objeto existe, mas a única relação direta que um indivíduo tem com ele é por meio da experimentação, ou seja, da maneira pela qual ele percebe aquilo que existe. Assim, o entendimento da existência de diversos posicionamentos frente a um mesmo ocorrido auxilia a compreendê-lo de maneira mais profunda, evitando que simplificações gerem enganos ou, pior, a banalização de processos e atitudes violentas.

2 INFÂNCIA

Para Walter Benjamin, “a narrativa [...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (Benjamin, 1987, p. 205). Ainda, conforme afirma Anatol Rosenfeld, “a ficção ou mimesis reveste-se de tal força que se substitui ou superpõe à realidade” (Rosenfeld, 2002, p. 21). Por conseguinte, determinada história tem sempre fortes marcas deixadas por aquele que a contou, já que fora por ele fabricada, mesmo que tenha traços que se assemelhem ao real.

Dessa forma, tanto o autor do livro quanto o narrador acabam por marcar a obra. O autor a marca na medida em que é ele que cria o mundo ficcional, utilizando do conhecimento que tem acerca da realidade. Cabe ressaltar, todavia, que, segundo o sociólogo e crítico literário Antonio Candido, “[...] a personagem é um ser fictício; logo,

quando se fala em cópia do real, não se deve ter em mente uma personagem que fôsse igual a um ser vivo, o que seria a negação do romance” (Candido, 2002, p. 53).

O narrador, por outro lado, marca a obra de acordo com as características que o autor lhe deu e que, portanto, determinam a maneira pela qual o que ocorre na ficção será descrito. No caso de um narrador-personagem, por exemplo, sua personalidade influenciará a maneira de se expressar.

[...] na análise do texto é fundamental a utilização de um outro conceito – o de narrador. Entidade fictícia, como as personagens e a história contada, o narrador acaba por constituir uma verdadeira persona (máscara, personagem), que narra os acontecimentos. O narrador não pode ser confundido com o autor, mesmo quando a narrativa é contada na terceira pessoa do singular (Abdala Junior, 1995, p. 20).

Assim sendo, ainda é possível, em uma mesma obra, que se tenha mais de um foco narrativo, pois “o foco da narração não é fixo, oscila constantemente” (Abdala Junior, 1995, p. 25). No entanto, “cada narrativa vai ter um foco narrativo dominante, que circunscreve e delimita os demais” (Abdala Junior, 1995, p. 25). O livro *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, tem, em cada uma de suas partes, um foco narrativo dominante diferente, sendo a inicial, chamada “Fio de Corte”, narrada em primeira pessoa pela personagem Bibiana.

Esta é, no terço inicial do romance, o que Benjamin Abdala Junior denomina de “‘Eu’ como protagonista” (Abdala Junior, 1995, p. 29). Para além dessa narração em primeira pessoa, os fatos pela personagem narrados foram por ela mesma vividos, “[...] tal como os vivencia ou vivenciou [...] suas percepções, sentimentos e pensamentos” (Abdala Junior, 1995, p. 29).

Ademais, vale ressaltar que, de acordo com Shirley de Souza Gomes Carreira (2021, p. 196),

No romance, as vozes narrativas se complementam, ora narrando um mesmo acontecimento de diferentes pontos de vista, ora acrescentando dados que atam os fios da história. Apenas a encantada tem uma focalização onisciente, devido à sua condição sobrenatural e, conseqüentemente, a capacidade de narrar eventos que as duas outras narradoras não vivenciaram ou presenciaram.

Visto isso, os capítulos iniciais da obra tratam de um acidente que ocorrera com a narradora e sua irmã mais nova, Belonísia, enquanto as duas fuçavam curiosas a velha mala da avó. “Ouvi Donana perguntar o que estávamos fazendo ali, porque sua mala estava fora do lugar e que sangue era aquele” (Vieira Junior, 2019, p. 11 e 12)

Dentro dessa mala se encontrava uma faca cintilante, que acabou por chamar-lhes a atenção. Esse ocorrido é descrito pelas duas protagonistas no romance de modo semelhante, mas ainda assim com uma carga intimista que só é possível de se ter devido ao modo pelo qual é feita a descrição. Os trechos abaixo referem-se, respectivamente, as perspectivas de Bibiana e Belonísia do momento:

Vi os olhos de Belonísia cintilarem com o brilho do que descobríamos como se fosse um presente novo, forjado de um metal recém-tirado da terra. [...] Minha reação naquele pequeno intervalo de tempo era explorar ao máximo o segredo e não deixar passar a oportunidade de descobrir a serventia da coisa que resplandecia em minhas mãos (Vieira Junior, 2019, p. 10 e 11).

Poderíamos pegar a faca para cortar os matos do lado de fora, cavoucar a terra, tratar as caças da nossa imaginação. [...] Mas a faca reluzia mais que tudo. Nela nos víamos melhor que no caco de espelho que Donana guardava na mesma mala (Vieira Junior, 2019, p. 109).

Então, a assimetria entre o que elas dizem ocorre logo no contato primário das duas com a mala. Ambas estavam curiosas, mas Belonísia já tinha noção do que seria encontrado ali dentro, porque “já havia visto Donana arrumar e desarrumar aquela mala muitas vezes” (Vieira Junior, 2019, p. 109), ao contrário de Bibiana, que esperava a avó se afastar para “descobrir o que Donana escondia na mala de couro” (Vieira Junior, 2019, p. 9). Cabe ressaltar que, por conta disso, Belonísia olhava Bibiana e se “considerava mais esperta [...] mesmo sendo mais nova” (Vieira Junior, 2019, p. 109).

Na segunda parte da obra, narrada por Belonísia, nota-se como ela se sentiu em relação àquela situação prévia ao acidente: um misto de admiração e rebeldia. A primeira existe porque ela deseja ser tal qual sua irmã mais velha. A segunda porque não teme enfrentá-la para que isso ocorra, chegando inclusive a retirar a faca de um modo ríspido.

A faca que num impulso retirei da boca de Bibiana para repetir o gesto, naquela idade em que queremos ser como os irmãos mais velhos, sem perceber que da boca de minha irmã minava sangue (Vieira Junior, 2019, p. 78).

[...]

Me deixa ver, pedi agitada, pulando em cima da pele de caititu que cobria as ondulações da terra no chão. “Não, eu primeiro”, Bibiana queria impor a autoridade de irmã mais velha, que gostava de exhibir. E se Donana chegar e a encontrar com a faca na boca? Ela perde a pose e ganha uma boa surra. Arrastei a cama empurrando meu corpo para trás para que Donana ouvisse ao longe a movimentação e voltasse depressa. Ela iria nos surpreender e acabaria a brincadeira, afinal, a ideia de pegar a faca foi minha. Mas o aviso que lancei pelo ar não vingou, então pensei em gritar. Minha irmã seria mais rápida ao lançar a culpa sobre mim. Vou pegar a faca mesmo contra sua vontade (Vieira Junior, 2019, p. 109).

Assim, tem-se nesse episódio o início de uma maior proximidade das duas, devido ao acidente. Como Belonísia acaba por perder a língua, sua irmã passa a ajudá-la a se comunicar com os outros.

Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. Era a língua ferida que havia expressado em sons

durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. Era a língua que a havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio (Vieira Junior, 2019, p. 76).

Todavia, além dessa cumplicidade, nesse momento em que ocorre a disputa pela lâmina, o leitor também entra em contato com o embrião de uma outra face da relação das duas.

Eu e Belonísia éramos as mais próximas e, talvez por isso, as que mais se desentendiam. Tínhamos quase a mesma idade. [...] Disputávamos espaços, disputávamos sobre o que plantar, sobre o que cozinhar. [...] Quando as disputas se tornavam brigas e gritos, nossa mãe intervinha, pouco paciente, e nos levava de volta para casa nos retirando a liberdade de sair até que nos comportássemos. Prometíamos que não brigariamos mais, até que saíamos para o quintal ou para o terreiro e recomeçávamos a brincadeira, para pouco tempo depois retornar à rixa, às vezes com direito a arranhões e puxões de cabelo (Vieira Junior, 2019, p. 18 e 19)

Ou seja, entra-se em contato com uma certa rivalidade, que vem a ser desenvolvida ao longo do livro, principalmente no sentimento que ambas nutrem pelo primo, Severo. Visto isso, acontecimentos da infância dessas personagens, como o acidente ou a rivalidade, entre outros, são aspectos fundamentais na gênese da construção de cada uma delas. O pesquisador espanhol Fernando Cabo Aseguinolaza fala sobre essa relação entre a infância e a literatura no seu livro *Infancia y modernidad literaria*:

Mas é claro que avançar por esse caminho exige evitar o mal-entendido de abordar a questão de um ponto de vista meramente temático. Mais que a presença de personagens infantis, por exemplo, importa avaliar em que medida a infância atua como uma noção orientadora e, inclusive, fundadora da literatura (Aseguinolaza, 2001, p. 32, tradução nossa)¹.

Ademais, de acordo com Rebeca Goldsmid e Terezinha Féres-Carneiro, em seu artigo *A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão*:

As disputas fraternais são comuns à maioria das famílias, apesar das diferenças de valores, estilo ou filosofia de vida de cada uma delas. Essas disputas, características de todo grupo fraternal, têm um caráter

¹No original: “Pero es claro que avanzar por ese camino exige evitar el malentendido de abordar la cuestión desde un punto de vista meramente temático. Más que la presencia de personajes infantiles, por ejemplo, importa el valorar en qué medida la infancia actúa como una noción orientadora e incluso fundadora de la literatura”.

mais lúdico do que agressivo. A finalidade é conquistar e preservar um espaço dentro do grupo, garantir uma individualidade, buscar o atendimento satisfatório de interesses e necessidades e ocasionalmente desfrutar das vantagens do poder.

[...]

O irmão e a irmã desempenham, portanto, um importante papel na constituição do sujeito, maior do que a disputa pelo amor materno/paterno pode sugerir. O ciúme tem importância na construção da personalidade na medida em que o outro permite, a cada um dos irmãos, definir-se melhor, através da percepção do jogo das semelhanças e diferenças entre si (Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007, p. 8).

[...] fratria é o lugar da competição: enquanto os menores querem igualar e superar os mais velhos, estes querem conservar sua superioridade (Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007, p. 9).

Assim, mais do que representar essa fase da vida das duas, *Torto arado* mostra também os impactos decorrentes do que fora nela vivido, e isso é fundamental para tirar os primeiros anos da vida de uma mera alçada temática, a fim colocá-los como um dos pilares do que vem a ser a obra.

3 JUVENTUDE E VIDA ADULTA

Ocorre uma passagem de tempo do capítulo 6 para o capítulo 7. Dessa forma, as protagonistas estão agora um pouco mais velhas, e começa a surgir nelas a paixão, mais especificamente, e, coincidentemente, por “[...] Severo, o primo tímido”. (Vieira Junior, 2019, p. 37). Decorrente disso, cresce nas duas, mas principalmente em Bibiana, uma forte sensação de ciúme. Ela decorria não só do sentimento que ambas tinham pelo primo, mas também do fato de que, em tão pouco tempo, Severo passou a conseguir se comunicar com Belonísia.

Severo superou aos poucos a timidez e passou a se comunicar de forma incessante conosco. [...] De maneira breve, ele aprendeu a se comunicar também, às vezes melhor que qualquer um da casa, e logo se passou a sentir, além do óbvio ciúme pela atenção do primo, ciúme pela capacidade de compreensão que havia adquirido em tão pouco tempo (Vieira Junior, 2019, p. 37).

E é esse ciúme que dá origem a um imenso mal-entendido. Este poderia ter sido superado com um diálogo, porém a impulsividade de Bibiana, aliada a todas as suas emoções negativas naquele momento, fez com que ela relevasse os pontos de vista de Belonísia e Severo.

Belonísia deixou o abrigo como se nada tivesse acontecido. Passou por mim de cabeça erguida e sorrindo. Antes que eu me aproximasse mais, Severo também deixou o umbuzeiro e seguiu em direção aos pais que

estavam prontos para caminhar até sua casa com o candeeiro que tremulava a luz ao longe nas mãos. Sem conseguir dormir o resto da noite, nem olhar para minha irmã, fui tomada por um sentimento de decepção e rivalidade que desconhecia até aquele instante (Vieira Junior, 2019, p. 39).

[...]

Ao amanhecer, fiz chegar a minha mãe a mensagem de que Belonísia estava com primo Severo debaixo do umbuzeiro na noite passada. Sem ter certeza do que vira, mas intuía, adicionei à narrativa a visão de um beijo. Pela primeira vez vi os olhos de minha mãe crisparem e, sem esperar explicações, antes que meu pai soubesse, se encarregou da punição: uma surra de sandália (Vieira Junior, 2019, p. 40).

Mais à frente no livro, na segunda parte, é apresentada a versão de Belonísia sobre o que ocorrera naquele dia.

Não queria que ela tivesse mágoa de mim, como fiquei amargurada pelo que me aconteceu, quando não pude me defender das acusações de que estava beijando Severo. Quando o que fazíamos, eu com doze anos, era admirar os vagalumes da noite, longe dos candeeiros da casa (Vieira Junior, 2019, p. 79).

Percebe-se, visto isso, a confusão que pode ser gerada por duas interpretações diferentes de um mesmo fato: uma vista de dentro, a de Belonísia, e outra vista de fora, a de Bibiana. Esta teve uma percepção muito rasa do ocorrido e deduziu erroneamente, alegando ser sua intuição, que sua irmã e seu primo estavam se beijando, quando na verdade não estavam.

Sua negatividade no momento fez com que ela deslegitimasse a liberdade que sua irmã e Severo tinham de estar juntos. Bibiana entrega Belonísia para os pais porque no fundo quer que esta seja punida. A ira da irmã mais velha tira a condição de sujeito, livre e ativo, que tem a mais nova na relação entre os três envolvidos, reduzindo-a ao objeto que deve ser extraído do caminho entre aquela e Severo.

Aquele que odeia projeta não mais ser objeto de forma alguma; e a ira apresenta-se como um posicionamento absoluto da liberdade do Para-si frente ao Outro. É por isso que, em primeiro lugar, a ira não rebaixa o objeto odiado. Pois coloca o debate em seu verdadeiro terreno: aquilo que odeio no Outro não é tal ou qual fisionomia, este ou aquele defeito, tal ou qual ação em particular. É a sua existência em geral, enquanto transcendência-transcendida. Eis por que a ira encerra um reconhecimento da liberdade do Outro. Só que este reconhecimento é abstrato e negativo: a ira só conhece o Outro-objeto, e concentra-se neste objeto (Sartre, 2011, p. 509).

Ademais, não obstante a confusão, tem-se derivadas dela consequências enormes, como as que ocorreram na relação das duas irmãs com o primo e na de Belonísia com a mãe.

Até aquele instante Belonísia havia sido mais próxima de minha mãe, enquanto eu sempre havia me sentido mais ligada ao pai. Mas a surra repercutiu mais em seu íntimo do que o ardor e o machucado na pele. [...] E durante um tempo considerável não vimos Severo.

[...]

Belonísia ficou por semanas sem me olhar diretamente. Passava do quarto para a sala, ou mesmo para o quintal ou terreiro, interagia com os outros irmãos, mas me ignorava (Vieira Junior, 2019, p. 40).

Assim, durante o início da juventude das duas irmãs, ocorre sobre Belonísia um constante olhar de julgamento. Isso pode ser percebido porque esse período é majoritariamente relatado na primeira parte do livro, narrada em primeira pessoa por Bibiana, uma narradora-protagonista, ou seja, “que é também o personagem central” (Gancho, 1991, p. 21). Dessa forma, a narração da irmã mais velha expressa uma visão enviesada que ela possui daquele momento.

Então, motivado principalmente pelo ciúme, esse juízo de valor de Bibiana é, portanto, mais negativo quando se trata da relação que ela e sua irmã tinham com seu primo. Todavia, isso não apaga os traços de admiração que uma possuía pela outra. Apesar da disputa, por exemplo, Bibiana via em Belonísia uma pessoa que era “orgulhosa e conduzia muito bem suas decisões, apesar da pouca idade”. (Vieira Junior, 2019, p. 41), além de admitir que “invejava sua habilidade [...] como se estivesse sempre esperando a oportunidade para demonstrar sua força, seus conhecimentos e sua destreza” (Vieira Junior, 2019, p. 64-65).

A segunda parte do livro é narrada por Belonísia, que agora é a “‘Eu’ como protagonista”, de Abdala Junior (1995, p. 29). O leitor passa então a ter acesso aos pensamentos e emoções dela, a uma visão externa de suas atitudes, embora o que ela enxerga seja limitado pelo contexto, já que ela não é onisciente.

Desse modo, a narração em primeira pessoa de Belonísia é esta que se limita ao campo de visão dela, tornando-se algo mais intimista, sentimental, em que se tem acesso inclusive aos pensamentos dessa personagem. Assim, acompanhamos no começo deste segmento seu sofrimento com a partida da irmã, porque com ela se preocupava, mas, também, dela precisava, tendo em vista que era Bibiana quem lhe ajudava a interagir com os outros.

No caminho para a escola [...] pensava em Bibiana e Severo, me perguntava se por onde andavam a chuva havia chegado também, se tinham encontrado abrigo em alguma fazenda ou cidade distante. Se os caminhos os haviam levado para a capital.

[...]

Na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, minha vida se tornou um tormento. [...] Não evitava que meu pensamento encontrasse Bibiana naquela sala, talvez interessada na aula, próxima da professora, tentando fazer com que me interessasse também pelas coisas (Vieira Junior, 2019, p. 82-83).

Constata-se que as dificuldades decorrentes da mudez não param na comunicação. A personagem é alvo de ridicularização por parte dos seus colegas na sala de aula, que utilizam risadas e outros constrangimentos.

Poder estar ao lado de meu pai era melhor do que estar na companhia de dona Lourdes, com seu perfume enjoado e suas histórias mentirosas sobre a terra. Ela não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz. Não precisaria ouvir os risinhos das crianças quando repetiam quase ao infinito que eu não falava. Alguns pediam para escancarar minha boca para que pudessem ver o que não tinha dentro (Vieira Junior, 2019, p. 85).

Por esse trecho, pode-se perceber como o olhar e as atitudes do outro afetam a autoestima da protagonista narradora, que gostaria de sair da escola por, além da falta de identificação com a professora e com as disciplinas, não se sentir bem naquele espaço. É claro que não se identificar com o que estuda pode acabar desmotivando uma pessoa, mas a solidão que ela ali sentia também contribuiu para isso, como evidencia o seguinte trecho em que fala de seus outros dois irmãos:

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. [...] Domingas e Zezé frequentavam a escola em outro turno, havia uma diferenciação entre os estágios, talvez a presença deles até me desse algum ânimo (Vieira Junior, 2019, p. 83).

Ela então passa a mentir, a fim de faltar às aulas e poder voltar a trabalhar ao lado de seu pai na roça, local onde se sentia bem.

Um dia inventava uma dor de cabeça, outro dia uma dor de barriga, e aos poucos fui fazendo valer minha vontade de voltar ao trabalho da roça e da casa. Deixei caderno e lápis num canto do quarto e, mesmo percebendo meu pai amuado com o meu desinteresse pela escola, fiz valer meu querer (Vieira Junior, 2019, p. 84).

Além disso, na segunda parte também ocorre o desenvolvimento do segundo interesse amoroso de Belonísia na trama, Tobias, mais um trabalhador que chega para ser explorado em Água Negra. Pouco depois da chegada dele, a protagonista já passa a notar o interesse do homem nela.

Havia chegado também um homem alto e magro, talvez com idade para ser meu pai, que se tornou vaqueiro da fazenda. Tinha gestos discretos e era de pouca fala. Se apresentou como Tobias e passou a

frequentar as festas de jarê em nossa casa. [...] Às vezes, eu o via nas trilhas da fazenda ou nas veredas para a várzea. Ouvia seu cumprimento — bom dia, sinhá moça — acenava com a cabeça, seguia meu caminho, mas sentia seus olhos queimarem minhas costas feito brasa (Vieira Junior, 2019, p. 86).

Inicialmente incomodada, ela progressivamente passa a se interessar por ele também. Seu incômodo inicial era, em parte, decorrente da sua falta de jeito ao flertar, pois se sentia envergonhada e desajeitada quando se relacionava com os outros. Com o passar do tempo, no entanto, a personagem admite: “no começo senti indiferença [...] depois passei a me sentir inquieta e desconfiada, querendo talvez que dirigisse sua atenção a mim” (Vieira Junior, 2019, p. 86).

Paralelo a isso, “Tobias seguia com seu cavalo pela estrada até a cidade e voltava trazendo as encomendas em bocapios dispostos na carroça. [...] ‘É de Bibiana, mãe’” (Vieira Junior, 2019, p. 87). Ao entrar em contato com o que fora escrito por sua irmã mais velha, Belonísia tem inúmeras sensações. Apesar do ciúme que sente pela reação da sua mãe ao ler a carta, nota-se que a personagem amadureceu nesse meio tempo quando é visto que a confusão acerca de Severo foi enfim superada. Ela agora não só se sente bem pela irmã, mas também se incomoda apenas com a maneira pela qual a relação das duas foi afetada, pois pelo tom da carta parecem ainda distantes. Não existe qualquer menção direta a Severo em suas preocupações.

Senti conforto em saber que estavam bem, abrigados, dormindo sob um teto e se alimentando do próprio trabalho. Senti um tanto de mágoa também pela atenção que minha mãe dava à carta, pelo alvoroço que havia causado naquele momento, mesmo estando distante. Senti amargura pela simplicidade das palavras, pela culpa não expiada, pela voz que Bibiana me negava. Por eu estar na mesma linha da carta como um nome apenas, junto a Domingas e Zezé. Não havia nenhuma pergunta sobre como eu estava na escola, quem me fazia companhia, quem comunicava as coisas que eu precisava, como me desenrolava entre minhas atividades sem sua presença (Vieira Junior, 2019, p. 88).

Com seu antigo sentimento por Severo superado e, inspirada pela irmã, Belonísia passa a almejar um futuro diferente, melhor, semelhante ao que tem Bibiana. Ela pensa, no entanto, que a felicidade dessa está somente ligada ao relacionamento amoroso, quando também advinha das oportunidades geradas pela escolarização.

Quem não possui pelo menos a instrumentalidade da leitura e da escrita é ainda mais excluído diante da realidade que exige tantas competências das pessoas, num contexto social e econômico em que mesmo o saber ler e escrever não são considerados suficientes (Santos, 2005, p. 90 e 91).

Visto isso, apoiando-se apenas na ideia da relação romântica e com seu interesse por Tobias já mais forte, Belonísia passa a idealizá-lo como alguém que vai auxiliá-la a suprir suas expectativas de um futuro melhor.

Ele trocou duas frases com meu pai, pediu licença, fez uma reverência se despedindo de mim e montou o cavalo. Ao vê-lo seguindo pela estrada, senti vontade de que desse meia-volta, voltasse ao meu encontro e pedisse a meu pai para me levar para seu rancho. Queria que cuidasse de mim, eu cuidaria dele. Queria experimentar a vida que Bibiana agora mostrava em sua carta, com sua letra bem desenhada, que levou Salu às lágrimas e deixou meu pai contrariado só na casca, por dentro feito de mel, com uma expressão séria, interrompida por chamas de luz que diziam o que não soube dizer: ele estava contente por saber que estavam bem e que pensavam na família. Senti vontade de que Tobias voltasse naquele instante, quiçá amanhã ou depois, mas que não demorasse a fazer de mim sua mulher também (Vieira Junior, 2019, p. 88 e 89).

Em certa manhã, meu pai se dirigiu a mim, à mesa que exalava o cheiro do café fresco que Salu coava. Disse que Tobias o havia procurado com respeito, porque queria me levar pra morar com ele. Falou que o homem se queixava da solidão na tapera da margem do Santo Antônio. Que tinha muita estima e consideração por mim. [...] Disse que não precisava responder logo, poderia pensar, e que só aceitasse se me sentisse pronta para ir, porque ele não queria conceder a mão da filha a qualquer um. Que só o fazia porque conheceu Tobias durante aquele ano e o considerava trabalhador e de respeito (Vieira Junior, 2019, p. 92).

Ela logo imagina seu pai alertando a Tobias de sua mudez, o que denota uma forte insegurança que ela possui em relação a isso, pois, de acordo com Sartre, “a vergonha [...] é vergonha de si, é o reconhecimento de que efetivamente sou este objeto que o Outro olha e julga” (Sartre, 2011, p. 329). Desse modo, a exemplo do que ocorrera na escola, Belonísia tem vergonha de sua condição, porque a fizeram achar que isso era algo pelo que ela deveria se envergonhar.

Por um minuto, imaginei meu pai alertando o homem do meu defeito, dizendo que a filha era deficiente, que tinha uma natureza forte, rude como uma onça, mas que tinha um bom coração. Imaginei meu pai lhe fazendo prometer que cuidaria de mim, que eu não conheceria sofrimento. Imaginei aquela conversa que nunca soube se existiu, porque nada foi dito sobre minha condição. (Vieira Junior, 2019, p. 92)

Também sente o medo natural de deixar para trás sua família, tal como fizera sua irmã mais velha tempos antes. Mesmo assim, decide ir embora com ele.

Deixei a casa de meus pais montada num cavalo e na companhia de Tobias, levando uma trouxa pequena de roupas, lembrando a mala de couro surrada de Donana que Bibiana havia retirado de debaixo da cama antes de partir. Se ela não tivesse levado, talvez fosse eu a carregá-la comigo. Senti um aperto no peito; o trotar das patas invadia a parte

baixa de meu quadril como um eco. Seguimos devagar, Tobias em silêncio, quando preferia que falasse algo para confortar minha aflição. Com uma mão eu segurava sua cintura, e com a outra, a trouxa (Vieira Junior, 2019, p. 94).

No entanto, essas expectativas são quebradas logo que o casal passa a morar junto, quando ela percebe que a vida fora de sua antiga casa não é boa.

O amor-paixão funcionava baseado no amor à primeira-vista. A flecha de Eros era tão imprevisível e repentina quanto o dardo da morte. Um início já febril, um florescimento e um fim. O amor-paixão não dura, o amor conjugal, que está assimilado a ele, não dura mais do que ele. O divórcio não pode portanto ser considerado como um modo de reparar um erro, e sim como uma sanção normal de um sentimento que não pode nem deve durar e que deve dar lugar ao seguinte. (Ariès, 1987, 161).

Além disso, também lhe é revelada uma face mais agressiva de seu parceiro.

Eu me sentia paralisada e já com vontade de voltar para casa de meus pais. “Entre.” Fiquei em choque com a desordem que havia naquele casebre de três cômodos, com roupas sujas, mau cheiro e toda espécie de entulho espalhado pelos cantos. Sem contar no estado geral da casa, com paredes esburacadas e filetes de luz entrando pelo telhado, o que indicava que precisava de reparos ou de uma nova cobertura. Em poucos dias sentiria um enorme arrependimento de ter escrito “quero” no papel pardo que dei a minha mãe, porque percebi que minha vida dali em diante não seria nada fácil (Vieira Junior, 2019, p. 94).

Enquanto o tempo passava, Tobias parecia não sentir satisfação pelo que eu fazia. Se queixava de algum objeto que procurava e não encontrava. Dizia que eu não poderia mexer em tudo, que às vezes algo poderia parecer estar fora do lugar, mas estava no lugar certo, porque ele havia escolhido assim. Concordava. Assentia com a cabeça, mas evitava olhar seus olhos. Nessas horas, crescia a vontade de deixar tudo para trás, de voltar para minha casa, mas o que os vizinhos não diriam? Continuávamos a frequentar a casa de meu pai nas noites de jarê, todos agora sabiam que eu não era mais “Belonísia de Zeca Chapéu Grande” e que agora vivia com Tobias, logo, eu era “Belonísia de Tobias” (Vieira Junior, 2019, p. 100).

Mesmo assim, por conta da pressão social existente, Belonísia se esforça para se manter em seu relacionamento, afinal não só sua imagem está em jogo, mas também a de sua família. Essa atitude demonstra mais uma vez seu orgulho e seu carinho pelos familiares, o que lhe dá força para resistir àquela situação. Nas palavras de Lilia Schwarcz (2019, p. 200):

A misoginia se manifesta de muitas formas, que vão desde a exclusão social até a violência de gênero. Ela aparece retratada igualmente na antiga formação patriarcal de nossa sociedade, a qual carrega, até a atualidade, a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra a mulher e a tentativa de sua objetificação sexual. Essas são raízes compactas de nosso autoritarismo, que sempre trouxe consigo uma notória correlação com a questão de gênero. As mulheres deveriam atuar como “princesas”, obedecendo e se subordinando aos maridos, enquanto os homens são eternos “príncipes”, cientes de seu domínio e autoridade (e, mais uma vez, não há apenas coincidência com os nossos tempos atuais).

Essa resistência era, no entanto, de certa forma passiva até dado momento, já que ela tentava mais administrar a situação e tolerá-la do que a confrontar. Novamente reflexo do pensamento patriarcal vigente na sociedade, que implantou em sua mente a ideia de que ela deve ser submissa ao marido.

Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para sua tapera (Vieira Junior, 2019, p. 98).

A postura de Belonísia muda com o aumento progressivo da agressividade de Tobias e com o contato que ela passa a ter com Maria Cabocla, sua vizinha, que é agredida pelo marido constantemente.

Tentava entender o que ele dizia, e sem chance de me proteger, o prato veio na minha direção. Olhei para o chão e vi a comida espalhada. Aquele chão onde havia curvado meu corpo para varrer e assear com zelo. Senti raiva naquele instante, perguntei a mim mesma quem aquele vaqueiro ordinário pensava que era. [...] Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas.

[...]

Ouvi gritar de casa que eu era burra. Que não falava. Que era aleijada da língua. Engoli cada insulto que ouvia de sua boca. Dava um golpe mais forte fazendo desprender da terra grandes torrões. Que se atrevesse a vir me agredir que faria o mesmo com sua carne: a faria soltar da face com um golpe apenas. Antes que qualquer homem resolvesse me bater, arrancaria as mãos ou cabeça, que não duvidassem de minha zanga.

[...]

Não fazia comida para ele. Tinha meu orgulho, não era humilde, muito menos não sabia perdoar. (Vieira Junior, 2019, p. 105-106).

Dali em diante, o sentimento de revolta nela, já expresso ao desafiar sua irmã pela faca, por exemplo, é agora amplificado contra seu agressor. Mais madura, seu enfrentamento já não é mais uma disputa infantil com Bibiana, mas sim uma maneira de

se afirmar, reconhecer-se como uma pessoa forte e independente, que é capaz de encarar os problemas que a cercam. Por conta disso, ela recusa os convites feitos por seu pai para voltar para casa, ainda que tenha ficado tentada.

Não foram poucos os dias em que pensei em retornar à casa de meu pai. Mas algo me dizia que poderia dobrar o homem. Não deveria deixar a casa, acovardada. Se havia coisa que aprendi era que não deveria aceitar a proteção de ninguém. Se eu mesma não o fizesse, ninguém mais poderia. O cuidado que Bibiana direcionava a mim, no passado, nada mais era que o desejo que ela mesma alimentou desde muito cedo de que poderia salvar a todos, talvez influenciada pela experiência de crença de nosso pai. Mas, no fundo, era eu quem a protegia quando demonstrava medo nas atividades mais corriqueiras, quando precisávamos avançar na mata ou nos rios ou marimbus, me fazendo seguir na frente para, caso avistasse uma cobra ou um animal selvagem, espantar com o que dizia ser minha valentia (Vieira Junior, 2019, p. 117).

O sofrimento conjugal da protagonista só cessa com a morte de seu companheiro. No velório, ocorre um contraste entre a maneira como pensavam — e até pressionavam — que ela deveria agir e a maneira como ela realmente agiu. Queriam que ela sofresse demasiadamente, afinal era seu marido que estava ali sendo velado. Todavia, ela, ciente de tudo o que vivera ao seu lado, apenas dizia que rezaria por ele e precisariam esperar que saíssem lágrimas de seus olhos.

Vivendo desacompanhada após a morte de Tobias, a postura solitária de Belonísia chama a atenção das pessoas na fazenda. Muitas questionam se ela não é apoiada pelos encantados, entidades da religião jarê, visto que seu roçado causa admiração em todos que o veem. Ela também rompe com o pensamento de gratidão que seu pai tem com Sutério e passa a guardar os maiores legumes para a casa, para a sua família.

Quanta gente foi adentrando na solidão de meu rancho e foi dizendo que era uma roça bonita, que era maior e mais bem cuidada que a roça de muitos homens? Se admiravam quando viam que trabalhava sozinha. Com os olhos, mediam meu corpo de cima a baixo, se pudessem me fariam disputar uma queda de braço com os homens, só para saber se a força para revirar a terra, para trabalhar o chão, vinha dele mesmo. Para ter certeza de que não era das forças dos encantados em que o povo acreditava. Sutério passava rigorosamente toda semana e levava o que podia. Mas não deixava levar o melhor, como meu pai fazia por gratidão. Separava os legumes maiores para a casa, para meus pais. Só não deixava apodrecer nos pés, de desgosto, porque achava um desrespeito com a própria terra. Mas se desse para dar aos animais, eu dava, só para não deixar que ele levasse meu suor, minhas dores nas costas, meus calos nas mãos e minhas feridas nos pés, como se fosse algo seu (Vieira Junior, 2019, p. 135).

Ademais, Belonísia chega a encarar o marido de Maria, para defendê-la das agressões. A protagonista chega ao ponto de ir à casa dos vizinhos para intervir e ameaça corajosamente o homem com uma faca.

O homem gritou para que fosse embora, que cuidasse da minha vida. [...] Permaneci em pé, desafiando para que viesse ele próprio me arrancar para fora, porque não sairia com minhas próprias pernas. [...] Maria levantou de onde estava, veio para cima dele, mas foi lançada em seguida ao chão por um tapa desferido com as costas da mão desproporcional do homem. [...] Meus olhos cresceram ferozes ao ver Maria no chão, que parecia não se acovardar àquela hora, dizendo que eu iria ficar. Quando ele veio para cima para tentar me retirar dali à força, meu coração estava aos pulos, sentia meu interior frio como a brisa da madrugada, mas permaneci firme como meus antepassados. Não foi o suficiente para evitar que Aparecido apertasse meu punho e tentasse me arrastar para fora. Encostei a lâmina que escondia atrás de mim em seu queixo, olhando segura para seus olhos vermelhos e com veias que se espantaram ao ver minha reação. Estava em minha mão direita, com o cabo fresco como um seixo recém-tirado do rio (Vieria Junior, 2019, p. 132 e 133).

Finalmente, a terceira e última parte é narrada por uma Encantada. Esta parte é, decorrente disso, narrada em terceira pessoa. Tal narração se enquadra no que Benjamin Abdala Junior reconhece como “Onisciência do autor-editor”, conceito, assim como o do “‘Eu’ como protagonista”, emprestado do crítico norte-americano Norman Friedman. Aqui a entidade que narra tem conhecimento de tudo o que ocorre na história, inclusive de como se sentem as personagens e o que elas pensam.

O narrador comporta-se como um deus em seu universo ficcional: está em todos os lugares e em todas as épocas. Conhece o que está dentro das personagens (seu mundo interior) e o seu contexto histórico. Este narrador aparece com uma voz narrativa em terceira pessoa e tem toda a liberdade para narrar, adotando todas as posições possíveis: por dentro ou por fora da personagem ou enquadrando-a em relação aos acontecimentos indicados na narrativa (Abdala Junior, 1995, p. 27).

É nesta parte que se consolida a ideia da profunda ligação que Belonísia tem com a terra, pois agora um ser onisciente descreve esse laço de maneira detalhada. Isto mantém a certeza da veracidade do relato, mas o organiza por estar sob um olhar mais distante, ou seja, menos confuso.

A mata a fez forte e sensível, ainda menina, para reconhecer o movimento do mundo.

[...]

A terra era seu tesouro, parte do seu corpo, algo muito íntimo. Quando ia para a feira, quando caminhava até a cidade com o corpo acobreado de polpa de buriti sobre o negror da pele, não via a hora de tomar seu

caminho de volta para a fazenda. Não sabia como a irmã pôde morar naquela desordem de carros, casas e gente. Para ter qualquer coisa precisava de dinheiro, qualquer coisa. Na terra tinha o que colher ao alcance das mãos. Se a seca ou a cheia levasse, comia-se o que sobrava. Comia a farinha de mandioca que faziam ou colhia as sementes de jatobá para preparar o beiju. Na cidade não havia terra para revirar, para sentir a ventura, a umidade avisando que a chuva estava por chegar (Vieira Junior, 2019, p. 218-219).

Também é por meio da narração da Encantada que ocorre o fechamento do ciclo de mágoa entre Belonísia e Bibiana. Retoma-se a sensação que a irmã mais nova tinha em relação à mais velha, anos antes, para então ratificar o que de mais belo existe entre as duas. Elas ficaram, enfim, mais unidas do que nunca.

Belonísia se sentiu uma sombra de Bibiana durante aqueles dias. Havia se esquivado a vida toda daquele papel, desde que, de forma quase instintiva, a irmã passou a falar por ela. Desde que permitiu que Bibiana conhecesse seus sentimentos mais íntimos. Da mesma forma, se apossava do que se movimentava feroz no pensamento da irmã. Se sentia, mais que nunca, unida pelo que parecia ser um destino inevitável a se traçar nas trilhas de suas vidas. Passado tanto tempo, não era mais preciso nenhuma comunicação visível, seja pela troca de olhares ou pela leitura dos gestos. O ar, sentia, poderia vibrar de forma involuntária transmitindo o mal-estar físico e mental que a outra emanava. Poderia transmitir suas agitações e suas vontades. Esses dias foram cruciais para que percebesse o quanto estavam ajustadas em suas compreensões. Belonísia havia desenvolvido essa percepção expandida em relação às pessoas, mais ainda quando se referia à irmã, a sua voz no mundo onde se movimentava em silêncio. O mesmo silêncio da roça e da casa em que residiu por pouco tempo com Tobias foi o estado propício para desenvolver a fúria dos seus sentidos para se comunicar com seu entorno. A vida, naquele instante, apenas confirmava o que continuava oculto aos olhos alheios, encoberto, talvez num primeiro momento para a própria irmã, mas que consolidou de forma vigorosa e sem retorno o elo entre as duas (Vieira Junior, 2019, p. 192-193).

Além disso, recorda-se, agora sob outro ponto de vista, dois momentos importantes da vida da protagonista: a morte de Tobias e o momento em que ela recupera o punhal de sua avó. Punhal este, inclusive, responsável pelo maior impacto que tivera em sua vida: a perda da língua.

Você, nesses dias em especial, recordava a sua breve vida com Tobias. O desconforto que sentiu naquela cama. O alívio ao saber que ele havia morrido. [...] Não por rancor, nem por descaso, mas por entender que aquele foi um erro que deveria ser suprimido de suas lembranças em definitivo, mesmo que a memória frustrasse seu querer.
[...]

A melhor coisa que Tobias lhe fez foi devolver, de maneira involuntária, o punhal de sua avó. Talvez aquele tenha sido o único propósito de seu erro. [...] O fio de corte dividiu sua vida a partir daquele ponto, nos tempos que se foram. E cada vez que o lustrava e observava a sua imagem refletida naquele espelho sabia que sua vida poderia ser dividida de novo. Como o umbuzeiro frondoso ou seco, no escasso período das águas ou em todo o resto do tempo. Como no dia em que, carregada de ódio, riscou a lâmina na pele do pescoço de Aparecido. A vida quase se dividiu. Quis proteger Maria Cabocla, a mulher que a tocou com as pontas dos dedos, que trançou seu cabelo e a fez deitar na cama para descansar como se fosse uma guerreira amada (Vieira Junior, 2019, p. 219).

A magnitude do acidente, então, é sintetizada quando a Encantada diz que a vida de Belonísia fora dividida a partir dele. Quanto ao marido, reitera-se o alívio que ela sentira com o falecimento dele, porque apenas se arrependera do relacionamento e queria esquecê-lo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, *Torto arado* (2019) acompanha a trajetória de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que passam a ter suas vidas ainda mais conectadas após um acidente na infância, que resultou na amputação da língua de Belonísia e, por conseguinte, sua mudez.

Durante o episódio do acidente, é possível notar a rivalidade que existe entre as duas irmãs, devido a uma disputa para ver quem irá fazer uso da faca de sua avó primeiro. Tal conflito é então desenvolvido à medida que elas crescem e pode ser notado quando, durante a primeira parte, narrada por Bibiana, tem-se um constante olhar de julgamento sobre Belonísia, por conta dos ciúmes que aquela sentia desta com seu primo. Ciúme este, inclusive, que leva a mais nova a apanhar e as duas a terem que se afastar de Severo.

Os males acima descritos foram gerados no romance por conta de um mal-entendido decorrente da subjetividade presente no olhar de cada indivíduo, ou, no caso do livro, de cada personagem. A narração em primeira pessoa proporciona um olhar que aproxima e facilita a criação de um elo positivo entre o narrador-protagonista e o leitor, porque o primeiro tem controle do que será ou não dito e, assim, pode manipular quem está lendo. Não obstante, o olhar de uma pessoa real ou fictícia acerca de uma situação é sempre limitado.

Essa limitação contribuiu para que Bibiana criasse em sua mente uma fantasia sobre o que estava ocorrendo entre sua irmã e seu primo. Como ela mesma chegara a afirmar, não vira os dois se beijando de fato, apenas supôs que isso estava acontecendo porque os viu juntos em um lugar por ela considerado favorável para a ocorrência do beijo. A personagem claramente estava movida pelo ciúme da atenção que sua irmã vinha recebendo, e sua própria consciência a traiu ao criar uma imagem de Belonísia e Severo se beijando, pior, ao nem permitir que os dois se explicassem.

Contudo, o atrito entre as irmãs não se sobressai ao carinho que uma sente pela outra. Para além do ciúme, Bibiana admira Belonísia por sua firmeza e força. Por outro lado, na segunda parte do livro, agora narrada pela mais nova, percebe-se que Belonísia não guarda rancor de sua irmã, apesar da punição injusta que recebera por conta dela, e apenas deseja seu bem. De todo modo, pode-se perceber ainda, por parte de Belonísia, um certo grau de comparação. Ela não quer de forma alguma tirar o que Bibiana tem de bom, mas continua a desejar para si algo parecido com o que a mais velha possui em sua vida.

É visto então como Belonísia idealiza a vida que sua irmã leva. Ela pensa que a aparente felicidade que Bibiana possui é decorrente de seu casamento, quando na verdade ela é fruto não só da constituição de uma família, mas também do estudo e das oportunidades que por ele foram abertas. Oportunidades essas que foram, senão privadas, muito dificultadas na vida de Belonísia, uma vez que ela sofria preconceitos na escola e o método de ensino não despertava nela o mínimo de interesse.

Assim, iludida com a ideia de que ao se juntar a alguém sua vida irá melhorar, Belonísia sai da casa de seus pais para morar com Tobias, mas ao seu lado só encontra violência e frustração. O vaqueiro é um homem agressivo, que a desrespeita constantemente, algo muito longe do que ela idealizava ao ler a carta em que Bibiana descrevera sua vida. Ocorre aqui um embate entre o real e o ideal, novamente causado pela perspectiva na qual o sujeito que observa determinada situação está localizado.

Belonísia entrou em contato com apenas uma carta de sua irmã e dali já supôs que poderia ser feliz se, de certa forma, a imitasse. Porém ela não levou em conta que as pessoas são diferentes; ela não é Bibiana, e Tobias não é Severo. Mas, acima de tudo, ela não percebeu a maneira como o contexto social em que está inserida exerceu e exerce influência sobre suas decisões, quando a sabotara no momento em que ela poderia ter, tal qual sua irmã, estudado, ou quando propaga a ideia de que uma mulher precisa de um marido para ser feliz e respeitada. Isso a tornou suscetível a entrar em situações ruins por desespero, achando que apenas um casamento poderia lhe trazer felicidade.

Além disso, após a morte de Tobias, percebe-se que não apenas Bibiana enxergava qualidades em Belonísia, mas os outros trabalhadores de Água Negra também. Eles ficaram impressionados com sua garra naquele local e admirados com seu roçado, uma vez que a subestimavam por ser mulher, ou seja, alguém que no imaginário popular deveria se comprometer apenas com o trabalho doméstico. Além disso, pelo fato dela viver sozinha, era ainda mais subestimada, pois não estava sob a dita “proteção” de um homem, seja seu pai ou um marido.

Diante do exposto, portanto, as pessoas têm visões distintas acerca dos mesmos fatos, porque têm acessos a diferentes perspectivas de acordo com as posições que estão perante eles. Por isso, deve-se ter cuidado ao ter uma visão engessada sobre algo, porque o indivíduo pode não estar levando em consideração algum aspecto por ele ainda não visto ou percebido. Esses aspectos podem ser tanto pessoais, como um ciúme que o leva à paranoia, ou mesmo coletivos, a exemplo de violências simbólicas que acabam por influenciar as nossas vidas.

Ao ignorar um possível diálogo que poderia ser positivo, apenas porque o outro talvez pense diferente, o indivíduo se fecha cada vez mais em um grupo que constantemente confirma o que ele pensa, já que rejeita o diferente e só convive com

ideias parecidas com as suas. Tal posicionamento, apesar de parecer confortável, pode ser perigoso, porque limita o pensamento dessa pessoa, podendo leva-la a acreditar veementemente em casos irreais. Exemplificando, em *Torto arado* (2019) ocorreu algo semelhante, quando Bibiana não dialogou com Belonísia e Severo e, sem nenhum questionamento sobre o que pensava, errou ao deduzir que os dois estavam juntos.

Então, um único olhar oferece uma perspectiva limitada sobre determinada questão. Isso contribui para o surgimento de situações com proporções maiores. Tais episódios podem ser relativamente simples, embora menos do que deveriam ser, como a briga entre as duas irmãs por conta do suposto beijo. Outros, por sua vez, afetam toda a sociedade, originados pelo silenciamento de determinados grupos dela, ou seja, pelo impedimento da expressão de seus pontos de vista, como a naturalização da exploração no trabalho e da violência de gênero.

Por fim, a utilização de três narradoras diferentes, além da mudança de foco narrativo, é essencial para a construção das personagens no romance, já que por vezes descreviam o mesmo episódio. Como anteriormente dito, ao ler algo em primeira pessoa, o leitor tende a ser manipulado por quem está narrando, porém, em *Torto arado* (2019), têm-se a quebra desse mecanismo quando ocorrem as outras narrações, que ampliam o entendimento do público acerca do que está ocorrendo naquele cenário fictício. Essa ampliação torna as protagonistas mais humanas, pois se consegue ver pela ótica de cada uma das duas irmãs, bem distintas em personalidade, o que uma pensa da outra e das suas vivências juntas.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

ARIÈS, P. O amor no casamento. *In*: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (orgs.) **Sexualidades ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ASEGUINOLAZA, F. C. **Infancia y modernidad literaria**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Roaunet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CANDIDO, A. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, A. (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CARREIRA, S. de S. G. Inscrições do real em *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior. **Revista E-SCRITA**, Belford Roxo, v. 12, p. 184-198, 2021.

CHOMSKY, N. **Que tipo de criaturas somos nós?**. Tradução de Gabriel de Avila Othero e Luisandro Mendes de Souza. Petrópolis: Vozes, 2019.

GANCHO. C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

GOLDSMID, R.; FÉRES-CARNEIRO, T. A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 293-308, 2007.

ROSENFELD, A. Literatura e personagem. *In*: CANDIDO, A. (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS, A. F. da S. **O programa nacional de educação na reforma agrária e a importância da escolarização na opinião de assentados rurais do sertão do estado de Sergipe**. 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação, História, Política e Sociedade), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.